

Posteriormente, no grande ensaio *Sobre a natureza da psique* (1954), Jung irá apresentar outros desenvolvimentos relativos à energética psíquica, decorrentes da surpreendente descoberta de analogias entre fenômenos psíquicos e fenômenos pertencentes ao reino da física atômica moderna.

Leituras

- C. G. Jung, *Symbols of Transformation*, Collected Works 5. Há traduções francesa e espanhola.
- C. G. Jung, *On Psychic Energy*, em Collected Works 8. Há também traduções francesa e espanhola.
- C. G. Jung, *On the Nature of Psyche*, em Collected Works 8. Ensaio de leitura difícil.

TIPOS PSICOLÓGICOS

Os trabalhos de exploração do inconsciente não fizeram Jung perder o interesse pelas relações do homem com o meio exterior. A comunicação entre as pessoas sempre lhe pareceu problema da maior importância. Na vida comum e na clínica via todos os dias que a presença do *outro* é um desafio constante. O outro não é tão semelhante a nós conforme desejávamos. Ao contrário, ele nos é exasperantemente dessemelhante. Não é raro ouvir o marido irritado dizer que não entende a esposa e a mãe queixar-se de absolutamente desconhecer a filha. Também nas relações de amizade e de trabalho surgem freqüentes desentendimentos, desencontros, que deixam cada personagem perplexa face às reações do *outro*, sem que os separem sensíveis diferenças de idade, de educação ou de situação social.

Jung deteve-se no exame desse problema e apresentou sua contribuição a fim de que nos possamos orientar melhor dentro dos quadros de referência do outro. Modesto como sempre, escreveu:

"não creio de modo algum que minha classificação dos tipos seja a única verdadeira ou a única possível".

Distinguiu inicialmente aqueles que partem rápidos e confiantes ao encontro do objeto, daqueles que hesitam, recuam, como se o contato com o objeto lhes infundisse receio ou fosse uma tarefa demasiado pesada. A primeira forma de atitude denominou extroversão e à segunda introversão. Estes termos que se popularizaram, que todo mundo repetiu aplicando-os bem ou mal, foram criados e introduzidos em psicologia por Jung. O conceito de extroversão e de introversão baseia-se na maneira como se processa o movimento da libido (energia psíquica) em relação ao objeto. Na extroversão a libido flui sem embaraços ao encontro do objeto. Na introversão a libido recua diante do objeto, pois este parece ter sempre em si algo de ameaçador que afeta intensamente o indivíduo. Mas, em movimento de compensação, uma corrente energética inconsciente retrocede para o sujeito na extroversão e, na introversão, um fluxo de energia inconsciente está constantemente emprestando energia ao objeto. Portanto, vista em seu conjunto, verifica-se na circulação da libido um movimento inconsciente de introversão naqueles cuja personalidade consciente é extrovertida, e um movimento inconsciente de extroversão naqueles cuja personalidade consciente é introvertida. Extroversão e introversão são ambas atitudes normais. Claro que a introversão em grau exagerado tornar-se-á patológica, do mesmo modo

que a extroversão excessiva será também característica de estado mórbido.

Não só o homem comum pode ser enquadrado numa dessas duas atitudes típicas. Igualmente os filósofos, através de suas concepções do mundo, revelam seus tipos psicológicos, bem assim os artistas, através de suas interpretações da vida. Quando Sartre diz que a existência do outro o atinge em pleno coração, que sua presença lhe traz uma sensação de mal-estar, que por causa do outro sente-se perfeitamente em perigo, define uma atitude de introversão. Já na pintura de Matisse acontece o contrário. O objeto é glorificado. Ele o retira da atmosfera que o envolve para dar-lhe marcados contornos e colorido intenso. Uma feliz e confiante relação estabelece-se entre o homem e o mundo. Naturalmente os psicólogos não escapam à condição humana e funcionam ele próprios, tão curiosos da alma alheia, dentro de suas peculiares equações pessoais. Jung estudou-os com particular atenção, pois intrigava-o que os mesmos fenômenos psíquicos fossem vistos e compreendidos tão diferentemente por homens de ciência, cada um de seu lado honestamente convencido de haver descoberto a verdade única. Exemplo de escolha é o caso Freud-Adler. Freud valoriza sobretudo o objeto. O homem é um feixe de pulsões em busca de objetos amováveis, e sua meta seria, não fosse a repressão imposta pela sociedade, a expansão livre dos instintos até a obtenção dos objetos desejados, os quais são fontes de prazer em si mes-

mos, por suas qualidades específicas. Muito diversa é a relação do homem com o objeto segundo Adler. Antes de tudo ele busca segurança pessoal e afirmação de sua vontade de poder. A ênfase recai aqui sobre o sujeito. Quando se sente inferiorizado, o homem adleriano "protesta". Seu esforço dirigir-se-á no sentido de quebrar os laços com objetos que o cerceiam opressivamente a fim de conseguir sobre estes a supremacia anelada.

Na opinião de Jung as duas concepções são válidas. Apenas são unilaterais. A vontade de poder não exclui Eros e vice-versa. Acontece é que cada psicólogo vê a vida psíquica através de seu próprio tipo psicológico. Freud, na qualidade de extrovertido, dando prevalência ao objeto; Adler, como introvertido, valorizando sobretudo o sujeito. "A filosofia crítica ajudou-me a discernir o caráter subjetivo de profissão de fé de toda psicologia — e igualmente da minha", disse Jung.

Cedo Jung deu-se conta de que dentro de cada uma das duas atitudes típicas havia muitas variações. Um introvertido podia diferir enormemente de outro, embora ambos reagissem de modo análogo face aos objetos. *Idem* no interior do grupo dos extrovertidos. O que ocorria então? Como bom empirista, Jung foi acumulando observações até concluir que essas diferenças dependiam da função psíquica que o indivíduo usava preferentemente para adaptar-se ao mundo exterior.

São quatro essas funções de adaptação, espécie de quatro pontos cardiais que a consciência usa para

fazer o reconhecimento do mundo exterior e orientar-se: sensação, pensamento, sentimento e intuição. A *sensação* constata a presença das coisas que nos cercam e é responsável pela adaptação do indivíduo à realidade objetiva. O *pensamento* esclarece o que significam os objetos. Julga, classifica, discrimina numa coisa da outra. O *sentimento* faz a estimativa dos objetos. Decide do valor que têm para nós. Esta-belece julgamentos como o pensamento, mas a sua lógica é toda diferente. É a lógica do coração. A *intuição* é uma percepção via inconsciente. É apreensão da atmosfera onde se movem os objetos, de onde vêm e qual o possível curso de seu desenvolvimento.

Todos possuímos as quatro funções, entretanto sempre uma dentre elas se apresenta mais desenvolvida e mais consciente que as três outras. Daí ser chamada *função principal*.

Cada indivíduo utiliza de preferência sua função principal, pois manejando-a consegue melhores resultados na luta pela existência. O leão ataca com as garras e o crocodilo abate sua presa com a cauda, exemplifica Jung. Uma segunda função serve de auxiliar à principal, possuindo grau de diferenciação maior ou menor. A terceira quase sempre não vai além de um desenvolvimento rudimentar e a quarta permanece, de ordinário, num estado mais ou menos inconsciente. Por esse motivo é denominada *função inferior*.

O ótimo seria que as quatro funções se exercessem em proporções iguais a fim de conhecermos satisfatoriamente os objetos sob seus quatro aspectos

tos, e também porque assim haveria distribuição equivalente da carga energética necessária à atividade de cada função. Isso, porém, raramente acontece. Na grande maioria das pessoas uma única dessas funções desenvolve-se e diferencia-se, roubando energia às outras. Jung chega a admitir que a atividade dessas funções, quando se realiza em graus muito desiguais, possa causar perturbações neuróticas. Se uma função não é empregada, diz ele, há o perigo de que escape de todo ao manejo consciente, tornando-se autônoma e mergulhando no inconsciente, onde vai provocar ativação anormal. Isso diz respeito especialmente à quarta função ou função inferior. De outra parte, justo por sua ligação profunda com o inconsciente, a função inferior poderá ser utilizada terapêuticamente como uma ponte de união entre consciente e inconsciente e assim vir a representar um meio para restaurar conexões de vital importância no organismo psíquico. A terapêutica ocupacional tem aí um rico filão a explorar.

Essas funções dispõem-se duas a duas, em oposição. É fácil compreender que, se a intuição é a função principal, necessariamente a sensação será a função inferior. Desde que o intuitivo apreende as coisas no seu conjunto e aquilo que o atrai é o clima onde elas se movem para seus destinos ainda incertos e obscuros, certamente ele não será perito no exame detalhado dos objetos nem saberá encontrar para si firmes posições de relacionamento no mundo real, com suas exigências concretas e im-

diatas. O contrário acontece quando a sensação é a função mais desenvolvida.

Entre o pensamento e o sentimento ocorre incompatibilidade semelhante. O pensamento trabalha para conhecer as coisas, sem maior interesse pelo seu valor afetivo, valor que decerto viria interferir em julgamentos que pretendem ser neutros. O sentimento faz, antes de tudo, a estimativa do objeto, julga do seu valor intrínseco. Portanto são funções que se excluem, não podendo ocupar, ao mesmo tempo, o mesmo plano. Se o pensamento for a função principal, o sentimento será a inferior, e reciprocamente.

Sendo a função principal de cada indivíduo a arma mais eficiente de que este dispõe para sua orientação e adaptação no mundo exterior, ela se torna o seu *habitus racional*. É esta função, pois, que vem dar a marca característica aos tipos psicológicos. Desde que as quatro funções podem ser extrovertidas ou introvertidas, resultam oito tipos psicológicos: sensação extrovertida, intuição extrovertida; sensação introvertida, sentimento introvertido, sensação introvertida, intuição introvertida.

Comecemos pela descrição dos quatro tipos extrovertidos.

Tipo pensamento extrovertido

A personalidade consciente é extrovertida e o pensamento, função principal, está dirigido para o exterior. Sua atitude tende constantemente a estabe-

lecer ordem lógica, clara, entre coisas concretas. O raciocínio abstrato não atrai o tipo pensamento extrovertido. Ele poderá bater-se com entusiasmo pela liberdade, mas, acossado por alguém que lhe peça para dizer o que entende por "liberdade", não se interessará por definir-lhe o conceito. Este tipo gosta de fazer prevalecer seus pontos de vista, que coordena de maneira rígida e impessoal, tornando-se muitas vezes autoritário, principalmente no círculo de sua família. Sua conduta é pautada segundo regras rigorosas, dentro de *seus princípios*, os quais ele aplica também aos outros, sem fazer a estimativa de nuances pessoais.

Os representantes deste tipo que mais se destacam são hábeis políticos, homens de negócios, advogados brilhantes, que rápido encontram os fatos básicos das situações que têm em mãos, excelentes organizadores de serviços científicos, de firmas comerciais ou de setores burocráticos.

O ponto fraco deste tipo é o sentimento (função inferior). Embora capaz de afeições profundas, tem grande dificuldade em expressá-las. Por isso é sempre mais apreciado no seu meio profissional e social que entre os membros da própria família. A esposa e os filhos de um tipo pensamento extrovertido não se acreditam amados tanto quanto o são na realidade, pois ele nunca sabe encontrar maneiras adequadas de exprimir seus íntimos sentimentos. De outra parte, não são raras súbitas e violentas explosões de afeto que até poderão atingir graus perigosamente destrutivos. Esses fenômenos são decor-

rentes de uma função sentimento indiferenciada e inconsciente.

Tipo sentimento extrovertido

Este tipo mantém adequada relação com os objetos exteriores, vivendo nos melhores termos com o seu mundo. É acolhedor e afável. Irradia calor comunicativo que torna o indivíduo deste tipo o centro de amigos numerosos. Mas ele sabe fazer a correta estimativa desses amigos, facilmente pesa suas qualidades positivas e negativas, e assim não forma ilusões sobre as pessoas com quem convive. Esta capacidade de segura avaliação afetiva poupa-o das decepções que são as habituais agruras do tipo pensamento extrovertido, nem lhe acontece, como àquele, ser subitamente submerso por explosões de sentimentos. Permanece, em geral, fiel aos valores que lhe foram inculcados desde a infância. As manifestações de sua afetuosidade são exuberantes e não raro parecem excessivas aos olhos de outros tipos.

Quando o tipo sentimento extrovertido entre-ga-se à vida pública, pode tornar-se um grande líder, fascinado pelo apelo emocional de sua personalidade mais que pela originalidade de seu pensamento. Nos círculos íntimos são os mais agradáveis amigos e amigas, pois pode-se dizer que foi este tipo que inventou a *arte da amizade*.

Seu calcanhar-de-aquiles é o pensamento, sobretudo o raciocínio abstrato. A matemática, a reflexão filosófica são áreas onde este tipo não se move à

vontade. Prefere a medicina, as ciências diretamente ligadas ao homem, a poesia lírica, a música romântica, enfim as coisas que o toquem na esfera afetiva.

Essa pessoa não transbordante de calor humano surpreende muitas vezes seus íntimos quando formula julgamentos críticos extremamente duros e frios, com o caráter de sanções definitivas. Se o controle da função superior falha (degaste, cansaço, doença), os pensamentos negativos emergem. E, por serem produzidos pela função inferior de um extrovertido, têm as marcas da introversão, voltando-se principalmente contra o próprio indivíduo, que se vê, sem motivos objetivos, destituído de todo valor, incapaz para quaisquer realizações.

Entenda-se que não se trata aqui de inferioridade da função pensamento num sentido quantitativo, mas de uma função que não foi afiada pelo uso, que não se diferenciou suficientemente.

Tipo sensação extrovertida

O tipo sensação extrovertida compraz-se na apreciação sensorial das coisas. Se vai a uma reunião social, saberá descrever como estavam vestidas as pessoas e imediatamente reconhecerá a qualidade dos móveis, dos tapetes. Ele parece segurar os objetos entre o eixo de seus olhos como entre as hastes de uma pinça, diz Jung. Ama os prazeres da mesa, o conforto das habitações. Relaciona-se de modo concreto e prático com os objetos exteriores. Adapta-se facilmente às circunstâncias, possuindo

seguro sentido da realidade. Pertencem a este tipo aqueles de quem se diz correntemente que "sabem viver". Contam-se entre seus expoentes engenheiros, mecânicos, mestres na profissão, industriais e comerciantes que alcançam grandes êxitos em seus campos.

O tipo sensação extrovertida repele as questões teóricas de caráter geral. O importante para ele é a descrição minuciosa, exata, dos objetos. Procura sempre explicar os fenômenos pela sua redução a causas objetivas já bem estabelecidas. As hipóteses de interpretações, no domínio científico, parecem-lhe sempre fantasiosas. E a atenção às manifestações da vida subjetiva se lhe afigura sintoma de doença ou, pelo menos, coisa inútil.

É eficiente e prático, mas, como a intuição é a sua função inferior, acontece frequentemente que não percebe o desdobramento de possibilidades novas. Isso tem sido o motivo do fracasso surpreendente de muito industrial ou comerciante hábil. A intuição pouco desenvolvida não somente falha mas também muitas vezes segue pistas erradas ou apreende de preferência as possibilidades negativas dos objetos. Sendo a função inferior de um extrovertido, será necessariamente introversa e por isso elabora de preferência premonições sobre doenças e infortúnios que possam cair sobre o indivíduo. Este quadro apresenta-se quando, por exemplo, o tipo sensação extrovertida embriaga-se, tem uma astenia gripal ou se sente demasiado fatigado. Então revela seu *outro lado*. A intuição inferior, devido ao seu caráter arcaico e pouco diferenciado, compraz-se tam-

bém em idéias místicas de baixo nível, histórias extravagantes de fantasmas, superstições. O observador desprevenido muito se espanta ao descobrir este aspecto justamente nos seus amigos mais realistas.

Tipo intuição extrovertida

Este tipo está sempre farejando novas possibilidades, coisas que ainda não assumiram formas definidas no mundo real. Sabe antes de todos os outros quais as mercadorias que serão mais vendáveis no próximo ano, quais as indústrias que terão melhores perspectivas de prosperar, ou presente o rumo futuro dos acontecimentos políticos. No campo da ciência está sempre interessado pelas aquisições mais inovadoras e no campo da arte descobre o pintor, hoje desconhecido, que será aceito como um gênio daqui a trinta anos. Empreende várias iniciativas ao mesmo tempo, pois como deixará de अगर rar probabilidades tão vantajosas que por assim dizer oferecem-se a ele, enquanto os outros ao redor nem sequer as percebem? Se facilmente dá início a atividades novas, também do mesmo modo abandona a meio caminho para começar outra coisa que de repente o fascinou. Não lhe agradam as situações estáveis, dentro das quais se sente como um prisioneiro. Sua função principal arrasta-o para a frente e, se não der atenção à função do real (sensação), que é o seu ponto fraco, outros colherão o que ele semeou. Acresce que, sendo este tipo extrovertido, sua função inferior, a sensação, é introvertida e,

como tal, tende a recuar do mundo exterior e seus problemas. Está ainda aderida ao inconsciente. Por isso, quando circunstâncias especiais lhe permitem entrar em cena, fará o indivíduo subitamente descobrir nas coisas que o cercam aspectos não-pragmáticos que o deslumbram e o emocionam fora das medidas comuns.

Passemos à descrição dos quatro tipos introvertidos.

Tipo pensamento introvertido

O tipo pensamento introvertido considera as idéias gerais aquilo que há de mais importante.

Quando aborda um problema procura, antes de tudo, situar idéias e pontos de vista que lhe permitem uma visão panorâmica dos temas a estudar. Idéias gerais mal digeridas, mal diferenciadas, confundidas umas nas outras põem os indivíduos deste tipo irritadíssimos contra quem as apresenta em tal estado. Ao contrário do pensador extrovertido, que se contenta em pôr ordem lógica entre idéias já existentes, o pensador introvertido interessa-se principalmente pela produção de idéias novas ou pela busca de originais e audaciosos jogos do espírito. Valoriza os dados empíricos secundariamente apenas para documentar suas teorias, e não porque lhes atribua interesse próprio. Os matemáticos teóricos, os filósofos criadores de concepções do mundo, aqueles que se deleitam nas especulações filosó-

ficas ou científicas são os mais altos expoentes deste tipo psicológico.

Seus sentimentos são fortes e genuínos e manifestam-se de modo primitivo, poder-se-á mesmo dizer selvagem, pois emanam da função inferior, que é caracteristicamente indiferenciada. Marie-Louise von Franz compara a expressão de afetos do tipo pensamento introverso aos jatos de lava de um vulcão. Poderá ferir e destruir, mas sem intenção malévolá, como uma força da natureza. O sentimento inferior do tipo pensamento introverso é semelhante, na sua indiferenciação, ao do tipo pensamento extroverso, todavia com uma diferença fundamental: é extroverso, isto é, dirige-se ao objeto e manifesta-se em toda a sua pujança, enquanto no outro caso os sentimentos não encontram formas de expressão. Na sua vida afetiva este tipo diz sim ou não, ama ou odeia. É por esse motivo que costuma julgar aqueles que têm o sentimento como função superior algo calculistas nas suas amizades, capazes de tolerar certas pessoas movidas por interesses espúrios. A crítica não é justa. A função sentimento, sendo bem diferenciada, consegue discernir nuances, discriminar qualidades positivas em meio às qualidades negativas e assim aceitar criaturas que os tipos pensamento extroverso eliminam abruptamente.

Tipo sentimento introverso

As pessoas deste tipo apresentam-se calmas, retraídas, silenciosas. São pouco abordáveis e difi-

ceis de compreender porque, sendo dirigidas por forças subjetivas, suas verdadeiras intenções permanecem ocultas. Dá algo de enigmático envolvê-las. Seus sentimentos são finamente diferenciados, mas não se exprimem externamente. Desdobram-se em profundidade. São secretos e intensos. As relações com o objeto são mantidas dentro de limites bem medidos, toda manifestação emocional exuberante lhes desagradando e provocando, de sua parte, reações de repulsa. Vistos do exterior parecem frios e indiferentes, quando na realidade ocultam, muitas vezes, grandes paixões. Desde que os objetos são conservados à distância e os indivíduos deste tipo esquivam-se a participações emocionais, as correntes afetivas introversas poderão vir animar, no inconsciente, representações arquetípicas, ideais religiosos ou humanitários, aos quais podem vir a aderir devotada e apaixonadamente ao ponto extremo de sacrifícios heróicos.

Seus afetos não se desenvolvem sempre na escala do amor e do devotamento, mas também na do ódio e da crueldade, onde poderão atingir requintes também decorrentes da alta diferenciação da função superior. Até as duas escalas às vezes coexistem. A mesma mulher será para o filho mãe amantíssima e para o enteado madrasta implacável.

O pensamento deste tipo psicológico (sua função inferior) é extroverso. Isso explica por que dentro de sua reserva e de seu silêncio tome vivo interesse por múltiplos fatos em curso no mundo exterior. Lê e reúne informações sobre os assuntos

mais variados. Entretanto, se pretende tirar deduções do material de que dispõe, seu pensamento pouco diferenciado não é suficientemente plástico para elaborações de ordem teórica. As construções intelectuais resultam pobres e toscas. Pode-se assinalar mesmo uma certa monomania: a tendência a explicar todas as coisas por meio de um único pensamento diretor. É freqüente que se preocupe com o que pensam os outros e lhes atribua, pela projeção de pensamentos negativos, julgamentos críticos, rivalidades, intrigas.

Tipo sensação introvertida

Este tipo é extremamente sensível às impressões provenientes dos objetos. Fixa-os em todos os detalhes, como se possuísse internamente uma placa fotográfica. Essas impressões o atingem de maneira profunda, mas não transparecem em reações que dêem a medida da repercussão que as qualidades sensoriais dos objetos determinaram. Enquanto o tipo sensação extrovertida age sempre em perfeita sintonia com a realidade, dentro do *aquí-e-agora*, o tipo sensação introvertida surpreenderá de súbito por um comportamento que corresponde à intensidade das experiências internas nele suscitadas pelo objeto, e não pelo valor que no mundo real seja de ordinário atribuído a esse objeto. Não havendo relação racionalmente proporcional entre o objeto e a intensidade das sensações que possa provocar, resultarão comportamentos imprevisíveis e fora das

medidas comuns. O colecionador de objetos de arte, por exemplo, atingido pelas qualidades estéticas de um vaso de cristal, o adquirirá para seu prazer por um preço que outros tipos classificariam de absurdo.

Pertencem a este tipo os indivíduos que põem o prazer estético acima de tudo, que com uma requintada sutileza apreciam formas, cores, perfumes. Nas relações amorosas vivem intensamente o aspecto sensual, sem que lhes seja necessária a presença de verdadeiros sentimentos afetivos. Preocupam-se muito com o próprio corpo. Seu afinamento sensorial é não apurado apenas para as sensações provenientes do exterior, mas também para as sensações internas, o que os torna capazes de detectar mínimas reações do próprio organismo.

A função inferior (intuição) deste tipo é similar àquela do tipo sensação extrovertida. Mas aqui esta intuição primária dirige-se para o mundo exterior, enquanto no tipo extrovertido ela se aplica ao indivíduo e seus problemas pessoais, pois sempre a função inferior move-se em contracorrente com relação à função superior.

É um encontro difícil o da intuição inferior com a sensação superior. Quando um *flash* de luz, uma fantasia arquetípica concernente a acontecimentos futuros irrompem no campo da consciência, os tipos sensação sofrem vertigens. Essas percepções de idéias ou de imagens em movimento teriam de ser assimiladas justo pela função especialmente apta para trabalhar com dados reais, estáveis e presentes, o que se torna de fato uma contradição perturbadora.

Tipo intuição introvertida

Este tipo é sensível à atmosfera dos lugares e às possibilidades novas que as coisas possam oferecer, mas não se sente propenso a seguir as pistas que seu faro, de passagem, apreende no mundo real. O exterior interessa-o muito secundariamente, pois sua função principal está voltada para o interior. As múltiplas sollicitações da realidade externa, quando excessivas, chegam a ser vivenciadas por este tipo como algo torturante.

A característica essencial deste tipo é sua aptidão para apreender o encaminhamento dos processos que se desdobram nas profundezas do inconsciente coletivo, as transformações, as elaborações de seus conteúdos em diálogo com as condições do tempo e da história. É assim que entre os representantes mais puros deste tipo encontram-se, num nível primitivo, o feiticeiro que guia os destinos de sua tribo; os profetas, nas religiões altamente espiritualizadas, e os artistas visionários, que são os únicos profetas aceitos em nossa época.

Pelo fato de a função do real ser a sua função inferior, este tipo não consegue executar seus numerosos projetos. Cansa-se facilmente e aborrece-se de coisas que já se lhe afiguram óbvias enquanto sua tradução em termos da realidade realiza-se com uma lentidão que lhe é dura de tolerar.

Para este tipo psicológico os acontecimentos exteriores permanecem um tanto nebulosos devido a sua incapacidade de registrar rapidamente aquilo

que ocorre diante de seus olhos e de fixar seus detalhes precisos. Assim, será a pessoa menos apta para prestar testemunhos. Sem a intenção consciente de mentir, poderá contar histórias fabulosas, levado pela própria fantasia, cujo prazer é precisamente distanciar-se da realidade cotidiana.

O constante desejo de pôr-se a salvo das engrenagens do mundo real, experimentadas pelo intuitivo introvertido como um envolvimento opressivo, representa duplo perigo. O primeiro seria a perda de contato com a realidade, que o desgarraria da vida normal; o segundo decorreria da condição aparentemente insólita de que é na crista da tensão entre as duas funções opostas que se acende sua chama criadora. Quando não há exercício da função do real, as intuições dispersam-se em divagações inconsistentes. A experiência demonstra que, se um mecenas põe o músico ou o artista visionário ao completo abrigo da luta pela vida, sua função superior decai e sua atividade criadora estanca.

Um belo exemplo do tipo intuição introvertida é Spinoza. Ele erigiu a intuição no mais perfeito gênero de conhecimento, o único, no seu conceito, capaz de penetrar na essência das coisas. A seguir é que o pensamento, sua função auxiliar, estruturava em rígidas formas geométricas as idéias apreendidas intuitivamente.

Mas sabemos que Spinoza trabalhava com as mãos, polindo lentes de modo esmerado. Aceitou a ajuda de amigos ricos, porém fez sempre questão de reservar para seu esforço pessoal a complemen-

tação do necessário à própria subsistência. Esse comportamento do filósofo é relatado de ordinário como coisa secundária, quase à margem da sua biografia. Entretanto o trabalho manual como ajuda para ganhar o pão será talvez um dos segredos que contribuiram para aquele homem "ébrio de Deus", criador de uma filosofia extraordinariamente antecipadora, possuir um equilíbrio psíquico perfeito e ter realizado de sua vida e de sua obra uma harmoniosa totalidade.

O conhecimento da vida e da obra de Jung, a valorização que ele dá aos fatores subjetivos, permitem situá-lo do lado dos introvertidos. Mas, sendo um homem extraordinariamente bem centrado em si mesmo, punha em atividade suas quatro funções. Não era um sábio de gabinete. Não desdenhava a vida real. Sabia usar as mãos: lavrava a terra, rachava lenha, cozinhava, esculpia a pedra. Introduziu a dimensão do sentimento na sua obra científica, dando a importância devida à tonalidade afetiva que impregna toda experiência vivida de verdade. E seu pensamento era decerto poderoso. Mas a leitura atenta de seus livros permite discernir que sua função principal era a intuição. Parece que em visões de longo alcance ele apreendia o sentido dos processos psíquicos de maneira imediata para depois passar todo o material assim colhido pelos crivos do pensamento, trabalhando-o refletidamente e documentando-o exaustivamente.

Apesar de sua extraordinária capacidade de compreensão, talvez Jung, no fim da vida, devido às suas próprias características de intuitivo, não pudesse ter escapado inteiramente a um melancólico sentimento de cansaço quando media a arrastada lentidão com que suas descobertas vinham sendo assimiladas e quanto eram ainda mal apreendidas as largas perspectivas que ele abria para o futuro.

Leituras

Types Psychologiques. No Capítulo X desse livro acham-se reunidos os dados fundamentais de toda a obra e descrição detalhada dos oito tipos da classificação junguiana. O leitor poderá começar por esse capítulo para ler depois os outros, saltadamente, segundo seus interesses. Em todos, Jung, fiel ao seu método de trabalho, apresenta enorme documentação confirmadora de suas idéias, coligida em vários campos da cultura. É muito possível que o problema dos tipos psicológicos se afigure fastidioso devido às discussões escolásticas intermináveis entre os nominalistas e os realistas (Cap. I), mas decerto o leitor apreciará, por exemplo, o Capítulo II, onde irá encontrar a interpretação psicológica da oposição entre o espírito apolíneo e o espírito dionisíaco posta em foco por Nietzsche na arte grega, ou o Capítulo VII, que trata das atitudes típicas na estética tais como foram vistas por W. Worringer na monografia "Abstração e natureza", ponto de partida dos críticos da arte moderna H. Read e M. Brion para a compreensão do artismo entre figurativos e abstratos.